



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

Estudo de Caso de uma Tradução Literal de
uma colocação do Inglês para o Português
Brasileiro

Luciana Damasceno Kreutzfeld

Estudo de caso de uma tradução literal de uma colocação do inglês para o português brasileiro

Luciana Damasceno Kreutzfeld
lukreutzfeld@gmail.com

Resumo

O uso de *collocations* (colocações) é bastante natural para falantes nativos de uma língua, sendo um recurso de economia linguística. No entanto, tal combinação de lexemas pode ser um desafio para os que aprendem uma língua estrangeira, uma vez que a tradução literal dessas expressões pode ocasionar equívocos na transmissão do sentido da mensagem e/ou falta de naturalidade. O presente artigo discute e reflete o uso da expressão “Eu tive um ótimo tempo quando fui pro [a] Portugal”, escrita em um texto formal por um estrangeiro norte-americano. Buscou-se em dois *corpora* exemplos de colocações no português do Brasil com a palavra tempo que pudessem ter o sentido de “estada/ experiência” em algum lugar, lançando mão das expressões “Fiquei um tempo”, “Passei um tempo” e “Tive um tempo”. As duas primeiras colocações geraram exemplos que demonstram o uso de “tempo” como “estada/experiência”, mas que não admitem adjetivos que expressem se foi bom ou ruim, como em *I had a great/bad time*; e a última colocação, com o verbo “ter”, não possui tal sentido. Conclui-se que é necessário recorrer a outro vocabulário para comunicar tal ideia na língua portuguesa. Assim, as questões levantadas devem ser consideradas relevantes para o ensino de línguas estrangeiras.

Palavras-chave: PL2E. Colocações. Tradução Inglês-Português.

Case study of a collocation in English translated literally to Brazilian Portuguese and its semantic implications

Abstract

Collocation usage is quite natural for native speakers of a language, especially when it is a resource that promotes the linguistic economy. However, the combination of lexemes may be a challenge for those who are learning a foreign language, because of the interference of the mother language which may lead to the literal translation of collocations. The result is a less than natural speech and/or problems with meaning. This paper discusses and reflects the usage of the expression “Eu tive um ótimo tempo quando fui pro Portugal (I had a great time when I went to Portugal)”, a phrase written in an academic text by a North-American student studying Portuguese. It was sought on two corpora two examples of Brazilian Portuguese collocations with the word tempo (time) that could have the meaning of “stay/experience” somewhere. The chosen expressions were “Fiquei um tempo”, “Passei um tempo” and “Tive um tempo”. Although the first two expressions portray the meaning of “stay experience”, an adjective is not allowed between the verb and the noun; the last expression does not have this meaning. In conclusion, it is necessary to use another word combination to express the idea of spending a good/bad time abroad in Portuguese. Thus, collocations in PB are a relevant theme to PL2E field.

Keywords: PL2E. Collocations. Translation English-Portuguese.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre a relevância da linguagem formulaica para o ensino de língua estrangeira tem, cada vez mais, conquistado seu espaço, uma vez que ela se revela fundamental para uma comunicação fluente e mais natural. Fazem parte dela as colocações, as expressões idiomáticas, os binômios, entre outras construções, que garantem ao nativo uma grande economia linguística.

Para o ensino de língua inglesa, há um grande aporte teórico e grande diversidade de materiais didáticos e dicionários que abordam a linguagem formulaica; já para o ensino de português como L2 ou LE, as menções sobre essa linguagem são pontuais e pouco ou não sistematizadas e as pesquisas escassas, apesar de já existirem excelentes trabalhos acerca do assunto.

Ao ler um texto de um estrangeiro ou conversar com ele, é possível encontrar problemas relacionados a falta de conhecimento das colocações e idiomatismos do PB, o que pode comprometer a compreensão da mensagem e/ou torna-la pouco natural aos ouvidos de um nativo. Tendo em vista a importância dessa linguagem, o presente artigo tem como objetivo analisar, a partir de um estudo de caso, os efeitos de uma tradução literal de uma colocação típica do inglês para o português, escrita em um texto cujo destinatário era uma professora universitária, exigindo um registro mais formal. Busca-se, a partir de uma reflexão com base lexical e semântica, propor sugestões de vocabulário que possa tornar a escrita mais natural e adequada para o contexto, tentando manter o sentido almejado com a tradução literal de *I had a great time when I went to Portugal* para “Eu tive um ótimo tempo quando fui pro [a] Portugal”.

Para analisar a colocação do inglês, foi feita uma pesquisa, em um *corpus* de mais de 1,9 bilhões de registros de diversas variante da língua inglesa. Foram encontrados mais de 500 exemplos, e alguns são apresentados neste artigo, para corroborar a hipótese de que o sentido dessa colocação pode estar vinculado à estada/experiência em algum lugar ou período/ação experienciada.

Posteriormente, apresentam-se exemplos de três colocações com a palavra “tempo”, para verificar se alguma delas corresponde ao sentido da colocação de língua

inglesa. Notou-se que duas se aproximam do sentido, mas não aceitam a inserção de um adjetivo em sua construção.

Por fim, conclui-se que o português brasileiro não apresenta nenhuma colocação que traduza exatamente a expressão *I had a great/good/bad time*, sendo necessário recorrer a outros vocábulos para descrever, em contexto formal, uma experiência ou estada em um lugar. No entanto, as duas colocações com a palavra tempo encontradas no PB são comumente encontradas na fala e na escrita menos formal, sendo relevantes de serem registradas.

2. APORTE TEÓRICO

2.1 Colocações (*Collocations*)

De acordo com Durrant (2008) e Carvalho (2015), o termo *collocation* foi definido, pela primeira vez, por Firth, em 1935. Para Carvalho, “o conceito de colocação está associado a sua proposta [de Firth] de deslocar o foco da semântica lexical do eixo paradigmático para o eixo sintagmático” (2015, p. 2), ou seja, o significado da palavra passa a ser analisado de acordo com as combinações que ela faz com outras palavras em uma frase, e não individualmente. Durrant (2008) destaca que o autor argumenta que “as colocações habituais em que uma palavra ocorre são parte do significado desta palavra, resumindo sua posição no agora famoso ditado: ‘Você deve conhecer uma palavra pela companhia que ela mantém’ (1968, p. 179)” (p. 5). Percebe-se, portanto, que o conceito de *collocation* traz um novo ângulo de análise para a semântica lexical.

As colocações fazem parte da linguagem formulaica, que corresponde a “todo o tipo de linguagem que pertence a um padrão pré-determinado” (ALENCAR, 2004, p. 19), assim como expressões idiomáticas, binômios, ditados populares, fórmulas de rotina etc. Contudo, enquanto estas apresentam uma estrutura mais rígida, sendo praticamente impossível de ser mudada, as colocações são mais flexíveis, como é possível ver nos exemplos abaixo, retirados de Gama¹ (2008, p. 18) e Carvalho (2015, p. 4):

¹ A autora traz exemplos do português baseada em frases do espanhol, retiradas da obra de Koike (2001). Neste trabalho, as frases em espanhol foram traduzidas pela autora a fim de ilustrar a modificação das colocações.

a) A colocação “correr perigo” pode ser modificada por um adjetivo, como “Corremos um grave perigo”, assim como “dar um passeio”, que pode ocorrer em “Se levantou e deu um curto passeio pelos corredores”;

b) Já “É tudo ou nada”, “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”, “quebrar um galho” e “dor de cotovelo” não aceitam nenhuma modificação, como, por exemplo, a inserção de um adjetivo, como feito nas colocações acima.

Como é possível notar, as colocações aceitam a inserção de um adjetivo; para os exemplos em (b) já não há tal possibilidade. Carvalho (2015) cita ainda que não se deve confundir as colocações com as coligações, do tipo “*conversar com, gostar de, insistir em, dependente de*, etc.”, visto que estas são formadas por um item lexical e outro gramatical (geralmente, uma preposição), enquanto aquelas são constituídas por itens lexicais. Gama (2009) discorre, em sua dissertação, sobre vários critérios que diferenciam as colocações das expressões idiomáticas, baseada nos estudos de Koike (2001) e Aguilar-Amat (1994), que demonstram a flexibilidade das colocações. Segundo Aguilar-Amat (1994, p. 329 apud KOIKE 2001, p. 31):

as *locuciones* (idiomatismos, segundo a sua terminologia) “são estruturas rígidas que não permitem, no geral, transformações sintáticas como a nominalização, a modificação por meio de uma subordinada relativa, a transformação para a passiva, etc”, enquanto que, por sua vez, “as colocações, contrariamente, possuem uma certa flexibilidade (apud GAMA, 2009, p. 17)

Gama dá exemplos² de cada uma das transformações sintáticas, dentre as quais serão mencionadas neste artigo duas, a fim de ressaltar as características das colocações. O primeiro exemplo se refere à possibilidade de se relativizar uma colocação por meio de uma oração subordinada relativa: “*Este livro leva à risca o que devem seguir os seus partidários. [colocação: seguir à risca]*”. Já no caso da expressão idiomática portuguesa “deitar o olho”, ao ser modificada pela relativa, torna-se agramatical: “**O olho que acabo de deitar ao vestido.*” (p. 19). Outro critério é o de nominalização,

² Os exemplos são traduções do espanhol para o português europeu. A expressão “o olho que acabo de deitar”, apesar de não ocorrer no português brasileiro, pode demonstrar a impossibilidade de encaixar uma oração subordinada relativa. Em PB, se tentarmos relativizar “Acertar na mosca” -> *A mosca que acertou ou ainda *A mosca que foi acertada*, não produz o mesmo sentido.

aceito pelas colocações, mas não pelas expressões idiomáticas: “*Transplantar um órgão* -> o transplante do órgão; *Pedir a mão*, -> *o pedido da mão”

Mas, o que são, então, as colocações? Carvalho (2015) as define como “combinações convencionais semicristalizadas entre dois (ou mais) itens lexicais, com autonomia sintática e transparência semântica, decorrentes de padrões recursivos em gêneros textuais” (2015, p. 4). Assim como Carvalho (2015), Durrant (2008) utiliza, em sua tese de doutorado, as definições de Hoey (1991) e Sinclair (1974, 1966), que consideram que as colocações obedecem a uma exigência mútua (“*mutual expectancy*”) entre as palavras. De acordo o autor, essa visão do conceito é moderna e refere-se à

relação que um item lexical tem com outros itens que aparecem com maior probabilidade do que aleatoriamente em seu (contexto textual) (Hoey, 1991, p. 7). Ou seja, palavras são colocações umas das outras se, em um dado exemplo de língua, elas são encontradas juntas com mais frequência do que suas ocorrências individuais poderiam prever (Jones & Sinclair, 1974, p. 19). Pode-se dizer que palavras que se posicionam neste tipo de relação ‘predizem’ umas às outras porque a presença de uma torna mais provável a presença da outra (Sinclair, 1966, pp. 417-418). (DURRANT, 2008, p. 6, tradução nossa).³

Diversos autores propuseram estruturas possíveis para as colocações; no entanto, é Carvalho (2015) quem propõe as possibilidades para o português do Brasil (PB). De acordo com a autora, as colocações do PB podem ser divididas em três grupos: colocações nominais, colocações adjetivas e colocações verbais (p. 5). Uma vez que a autora utiliza a Linguística de Corpus em sua pesquisa, ela cita a definição de Sinclair (1991) para a nomeação dos itens lexicais que compõem uma colocação, sendo “o nódulo (*node*) (...) a palavra que está sendo estudada e o colocado (*collocate*) (...), qualquer palavra que co-ocorra no ambiente específico do nódulo.” (CARVALHO, 2015, p. 5). Assim, Carvalho apresenta as seguintes classificações:

A. Colocações nominais

a. Substantivo + Adjetivo: amigo íntimo

³ Texto original: “the relationship a lexical item has with items that appear with greater than random probability in its (textual context)” (Hoey, 1991, p. 7). That is, words are ‘collocates’ of each other if, in a given sample of language, they are found together more often than their individual frequencies would predict (Jones & Sinclair, 1974, p. 19). Words which stand in such a relationship can be said to ‘predict’ one another because the presence of one makes the presence of the other more likely than it would otherwise be (Sinclair, 1966, pp. 417-418).”

- b. Adjetivo + Substantivo: eternamente grato
- c. Adjetivo + Preposição + Substantivo: coberta de razão
- d. Substantivo (+ Preposição) + Substantivo: enxurrada de documentos (pouco produtiva em PB)

B. Colocações adjetivas

- a. Advérbio + Adjetivo/Particípio: perdidamente apaixonado

C. Colocações verbais

- a. Verbo (+ Preposição) + Substantivo: entrar em vigor
- b. Substantivo + Verbo: correr um boato
- c. Verbo (+ Preposição) + Adjetivo: aguentar firme
- d. Verbo + Advérbio: amar cegamente

Já Gama (2009) se baseia na tipologia apresentada por diferentes autores que pesquisaram as colocações no espanhol, principalmente Koike (2001), os quais as dividem em duas categorias: simples e compostas. As simples são aquelas “formadas por duas unidades lexicais simples (verbo + substantivo: *prestar atenção*) e as colocações complexas (são) formadas por uma unidade lexical e outra unidade fraseológica (verbo + locución nominal: *dar + un golpe de Estado*).” (KOIKE, 2001, p. 44 apud GAMA, 2009, p. 32). Assim, Gama (2009, p. 36) utiliza em sua análise de corpus a seguinte classificação para colocações simples:

1. verbo + substantivo: fazer a barba
2. verbo + preposição + substantivo: estar em crise
3. substantivo + adjetivo: lucro fácil
4. substantivo + preposição + substantivo: caixa de correio

É possível notar que Carvalho (2015) assinala uma gama maior de estruturas para as colocações do PB; no entanto, é válido ressaltar que Gama (op. cit.) menciona apenas as classificações que utiliza para o estudo do *corpus* de sua dissertação, por isso o número reduzido de tipologias escolhidas. Apesar disso, percebe-se que ambas apontam basicamente as mesmas ocorrências de colocações.

As colocações têm sido temática de vários trabalhos na área de ensino de línguas estrangeiras, principalmente estudos com foco nas *collocations* da língua inglesa, sendo possível encontrar dicionários e materiais didáticos específicos abordando tal temática. A importância de um ensino com foco no léxico, dando ênfase às colocações, para tornar o uso de uma língua estrangeira o mais natural possível, tem sido verificada por

autores como os citados neste artigo – Carvalho (2015), Durrant (2008), Gama (2009), entre outros.

No entanto, para o português ainda existem poucos trabalhos sobre as co-ocorrências lexicais, e os materiais didáticos não apresentam sequer exercícios envolvendo-as. Carvalho (2015) ressalta que

Quanto às atividades, de modo geral, como reflexo das sistematizações e da organização das unidades em torno dos pontos gramaticais selecionados, elas raramente focalizam a semântica das palavras, menos ainda as combinações entre itens lexicais. Costumam comparecer nos LDs breves listas de vocabulário, que funcionam como pequenos campos semânticos e que também poderiam estar associadas a colocações, em lugar de trazer palavras soltas. (s./p.)

Tendo em vista a relevância de uma abordagem lexical, que ensine ao aluno as combinações mais naturais do uso da língua estrangeira a qual ele está empenhado em aprender, o presente artigo busca analisar uma frase, retirada de um texto escrito por um aluno norte-americano aprendiz de língua portuguesa (LP), na qual ele compromete não a compreensão, mas a naturalidade de sua mensagem, ao traduzir literalmente do inglês para o português, provavelmente por não conhecer o vocabulário que a melhor expressaria.

Essa impossibilidade de tradução literal das colocações é mencionada por Fulgêncio (2008), que aborda o caráter idiossincrático das Expressões Fixas (EF's) em sua tese de doutorado. Segundo a autora,

Como a colocação é geralmente um fenômeno idiossincrático e específico para cada língua (*language-specific*) (TRASK, 1992, p. 49), uma maneira de evidenciar a sua presença é através da tradução. Por exemplo, em português se diz pneu sobressalente, mas o mesmo referente é apontado através de construções diferentes nas diversas línguas: “pneu de provisão” em italiano, (gomma di scorta), “pneu reserva” em inglês (spare tire), “pneu de reposição” em espanhol (neumatico de repuesto) e “pneu de socorro” em francês (pneu de secours). A impossibilidade da tradução literal ajuda a evidenciar a idiossincrasia do grupo. Evidentemente, essa é só uma indicação, tendo em vista a já esperada falta de correspondência sintática e semântica entre as línguas.

2.2 Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus, com o avanço das tecnologias de armazenamento de dados que tornou possível a compilação de bilhões de palavras em um banco de dados, tornou-se uma excelente ferramenta para os pesquisadores da área da tradução, de ensino de línguas estrangeiras, da lexicografia, etc. Os *corpora* do português brasileiro podem ser encontrados em ferramentas como o Leipziger Corpora Collection (LCC)⁴, o Linguateca⁵, o Sketch Engine⁶ e o Corpus do Português⁷; para o inglês, existem vários programas, porém, neste artigo, foi consultado o *corpora* do *site* Corpus.byu.edu, criado por Mark Davies (<https://corpus.byu.edu/>), que oferece uma compilação de diversos bancos de dados linguísticos.

Os dados desses *corpora* são baseados em gêneros textuais variados, como jornais, revistas, artigos acadêmicos, teses, dissertações, etc. (CARVALHO, 2015). Carvalho (2015) ressalta que

Para os pesquisadores em Linguística de Corpus, a linguagem é um sistema de probabilidades que apresenta padrões diversos, sendo alguns mais prováveis do que outros. Como o trabalho empírico com corpora evidencia esses padrões mais prováveis, como no caso das colocações, ele é indubitavelmente de grande auxílio para a sala de aula de língua estrangeira, pois o material de análise é a língua em uso e se observam as ocorrências e recorrências de determinadas formas, produzidas em gêneros textuais autênticos, de forma natural.

Portanto, este recurso revela-se de grande valia para a verificação das colocações, já que oferece exemplos retirados de textos autênticos, pautados no uso corrente da língua, ainda que seja um uso mais voltado para a linguagem escrita do que para a oral, o que talvez possa gerar a ausência de co-ocorrências lexicais presentes somente na oralidade.

⁴ Disponível no *site* http://corpora.uni-leipzig.de/de?corpusId=por-br_newscrawl_2011.

⁵ Disponível em: <http://www.linguateca.pt/>. É gratuito, assim como o Leipziger.

⁶ Disponível em: <https://the.sketchengine.co.uk>. Este é um programa pago.

⁷ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>

Gama (2009) destaca que Dellar e Walkley (2008) mencionam a funcionalidade dos *corpora* eletrônicos, no que concerne o ensino de línguas estrangeiras por meio de uma abordagem lexical. Para os autores, os *corpora*

revela[m] que as línguas orais e escritas são frequentemente distintas, fazem uso de diferentes estruturas e de diferentes vocabulários. E em segundo, que 80% da língua falada é constituída somente por 3000 palavras, mas estas são combinadas em dezenas de milhares de colocações que são usadas muitas e muitas vezes novamente. (GAMA, 2009, p. 23)

3. METODOLOGIA

O objeto de estudo do presente artigo surgiu a partir da seguinte frase, retirada de um texto escrito por um amigo norte-americano da autora: “Tive um ótimo tempo quando fui pro Portugal este verão passado.” Ao olhá-la pela primeira vez, o leitor pode notar alguns equívocos gramaticais, mas irá compreendê-la. No entanto, “tive um ótimo tempo quando fui pro [à] Portugal”, apesar de ser totalmente compreensível aos ouvidos de um nativo brasileiro, não soa natural, uma vez que, no PB, não é usual expressar a ideia de estada, permanência por meio da palavra tempo. Nota-se que o usuário estrangeiro recorreu à sua língua materna (L1) – o inglês – para se expressar na segunda língua (L2) – o português –, traduzindo literalmente a construção *I had a great time when I went to Portugal*.

Na língua inglesa, “I had a great/good/bad time” parece ser uma expressão bastante comum para relatar ocasiões e experiências, sejam viagens, reuniões, festas, situações diversas, e também para se referir à estada. A palavra “*time*” apresenta várias entradas no dicionário online *Oxford*, e uma delas se refere a este sentido:

4. An instance of something happening or being done; an occasion.

‘this is the first time I have got into debt’

‘the nurse came in four times a day’

4.1 An event, occasion, or period experienced in a particular way.

1. *‘she was having a rough time of it’*

2. *‘I started very young and I’ve had wonderful experiences as well as some tough times.’*

3. *‘Our tour to Prague last week was very successful and a great time was had by all.’*

A entrada 4.1 acima diz que *time* pode ser “um evento, uma ocasião ou um período experienciado de forma particular” (tradução nossa), como é percebido nos

exemplos 1, 2 e 3, em que tempo corresponde a experiências, momentos bons ou ruins; em 2, se refere a um período de vida e em 3, à viagem a Praga. Portanto, tal definição parece corresponder ao sentido que a expressão *I had a great time* ganha ao ser utilizada. Como o objetivo do norte-americano era expressar sua experiência e estada positiva em Portugal, ele recorreu à construção.

Tendo em vista o sentido dicionarizado acima, buscou-se a recorrência de tal construção no *Corpus of Global Web-based English*⁸, que revelou mais de 500 usos da mesma. Para ilustrar, alguns exemplos seguem abaixo:

1	PH B	earth2earth.com	A	B	C	my most favorite heartwarming photos... # <3 # My friends and I had a great time hanging out at Chill. It's the closest we can get to a
2	CA G	sfpoet.com	A	B	C	fall term. Our turnout has been light this year. # I had a great time at a bunch of SF conventions this year. Special mention to SFContario,
3	IE B	universitytimes.ie	A	B	C	, and while my au pair stay was not 100% problem-free, I had a great time and learned a lot during the au pair experience. I highly recommend it
4	CA B	bestoftoronto.net	A	B	C	the Food Network. The staff were genuinely friendly and helpful. I had a great time preparing and eating the food, learned some knife tips, and made new
5	CA B	finnohara.com	A	B	C	British Columbia and Alberta, the campaign # Over the summer, I had a great time shooting a large stills campaign, "Your Better Starts Here", for
6	C A G	writersblock.ca	A	B	C	" # " I just got back from my trip, and I had a good time , " said Bill. #
7	C A G	northvanhome stay.com	A	B	C	Lynn I'm very happy to have stayed here with you. I had a good time in Vancouver because I stayed in the Lindahl's house! I wanted to
8	C A G	thememoryproject.com	A	B	C	I went to sea, I went to the minesweeper. And I had a good time on there, it was small. I went from there to the HMCS

Neles, é possível notar que a expressão “I had a great time” é utilizada para se referir ao tempo como experiência, como em “My friends and I had a great time hanging out at Chill” (Eu e meus amigos nos divertimos muito no Chill); “I had a great

⁸ O *Global Web-based English* (GloWbE) é um *corpus* que permite comparar diversas variantes do inglês e possui aproximadamente 1,9 bilhões de palavras. Disponível em: < <https://corpus.byu.edu/glowbe/>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

time preparing and eating the food” (Eu me diverti preparando e comendo a comida); “I had a great time being interviewed” (Eu me diverti/curti ser entrevistada).

Devido ao grande número de recorrências, pode-se supor que a construção “sujeito+ verbo “to have” no passado simples + adjetivo + “time” é uma *collocation*, visto que a combinação desses lexemas ocorre com bastante frequência, utilizada com o sentido de tempo como experiência. A expressão não pode ser definida como uma expressão idiomática, pois ela não gera um sentido totalmente divergente daquele previsto pelos dicionários para os lexemas contidos nela; no entanto, ela provavelmente ocorre mais naturalmente para o falante do inglês L1 do que, por exemplo, “*I spent a great time with friends*”. Por isso, a caracterização da construção como colocação parece ser a mais correta.

Já em português, não há uma expressão equivalente a essa, utilizando a palavra tempo. O *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo* (2011), organizado por Francisco S. Borba, traz a seguinte definição de tempo:

TEMPO [...] 1 sucessão dos anos, dos dias, das horas, etc.: *O tempo encarregou-se de melhorar seu caráter.* [...] 2 período cuja duração se especifica: *A paz durou pouco tempo.* [...] 3 época: *Naquele tempo eu era feliz.* [...] 4 período do ano em que se dão certos fenômenos naturais: *o tempo da seca* [...] 5 época atual: *Nosso tempo se caracteriza pela tecnologia.* 6 duração: *O hospital encurtou o tempo de visitas.* **7 estada, permanência:** *Gastamos muito em nosso tempo no exterior.* [...] (p. 1346, grifo nosso).

Há, ainda, mais cinco entradas e algumas colocações comuns como “chegar a tempo”, “ao mesmo tempo”, “de tempo em tempo”, porém nenhuma se refere a tempo como experiência, apesar ser comum a frase “Tenho muito tempo de carreira”, que corresponde não somente aos anos trabalhados, mas também à experiência na profissão. Como é possível perceber, Borba registra o sentido de “estada, permanência” e dá um exemplo que, na opinião da autora deste artigo, apesar de ser compreensível, não soa natural, assim como a frase “Tive um ótimo tempo quando fui a Portugal”.

Procurou-se identificar, então, quais seriam as palavras mais comuns ao nativo brasileiro para expressar suas experiências positivas ou negativas, e se havia alguma colocação com “tempo” ou com outros vocábulos que pudessem ser utilizados.

Buscaram-se, nos dois *corpora* NILC/São Carlos e no Corpus do Português⁹, fundado pelo *US National Endowment for the Humanities*, algumas ocorrências com a palavra tempo, sendo:

“Ter um ótimo tempo”	
NILC/São Carlos: nenhuma ocorrência; Corpus do Português: 2 ocorrências, apresentadas abaixo:	
1G BR wowgirl.com.br: “coisa menos tediosa ajudou. Abandonei. E não voltei. Acho que tive um ótimo tempo jogando (comecei na metade da Burning Crusade). Me diverti.” 2 B BR inglesonline.com.br: “não queria ir a essa festa, mas foi uma explosão e eu tive um ótimo tempo lá no fim das contas) Comece a reparar no uso”	O primeiro exemplo está presente em um blog e faz parte de um relato de um usuário do site. Aparentemente, ele está falando sobre o tempo que ele fez em um jogo, e não sobre a experiência ao jogar. Já o exemplo 2, retirado de um site que se propõe a dar dicas de inglês, é a tradução literal da frase “I had a great time”, feita por um usuário do site nos comentários. Logo, essas ocorrências não se referem a um uso comum da expressão.
“Fiquei um tempo”	
Uma ocorrência no NILC/São Carlos; 246 ocorrências no Corpus do Português; aqui serão dados alguns exemplos.	
Exemplo do NILC par=Ilustrada--94b-2: Nos anos 40, eu fiquei um tempo na Bahia , voltando de um contrato no Ceará, mas não sabia que já era famoso. Exemplos do Corpus do Português: 1B BR agorasim.blog.br: depois fui trabalhar na gráfica dum amigo meu e, também, fiquei um tempo trabalhando na empresa do meu pai, em essa parte de. 2B BR agorasim.blog.br: estagiei no Dadá em Salvador, durante as férias, e, também, fiquei um tempo em São Paulo , trabalhando com o Alex Atala... Ficamos muito amigos.	A construção “fiquei um tempo”, nos exemplos encontrados, é utilizada para expressar um período indeterminado de estada em algum local, porém não há possibilidade de inserção de um adjetivo na construção para indicar se foi bom ou ruim; ou é no sentido de tempo como um período de experiência em uma determinada ação, como “trabalhar, estudar, etc.”.

⁹ De acordo com as informações do site, este corpus contém aproximadamente um bilhão de palavras do português retiradas de um milhão de websites de quatro países de língua portuguesa: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. O *corpus* foi fundado pela US National Endowment for the Humanities em 2006.

<p>13 GBR blogueirasfeministas.com: a questão a ser discutida aqui. Em a época, morri de medo. Fiquei um tempo na casa duma amiga de infância, e ela e a</p> <p>14 GBR ciclofemini.com.br: de cá Após minha aula, sentei no banco do parque e lá fiquei um tempo. A companhia da Sandra trouxe risadas e boas conversas. Conheci</p>	
<p style="text-align: center;">“Passei um tempo”</p> <p>Corpus NILC: nenhuma ocorrência;</p> <p>Corpus do Português: 150, com quatro exemplos apresentados aqui.</p>	
<p>6 BBR autoentusiastas.blogspot.com: hidrovácuo é muito forte, só que tem outros carros em casa, de aí passei um tempo dirigindo eles depois voltei para a picapinha e esse detalhe ficou bem aparente</p> <p>7 GBR blog.mafaldacrescida.com.br : só uns beijinhos na boca, sem sexo) e ela me traiu quando passei um tempo trabalhando nos Estados Unidos, segundo ela também so uns beijos,</p> <p>9 GBR chadebergamota.uol.com.br: pode levar algum tempo... Agora, sobre o sono... Sabe, eu também passei um tempo atendendo aos resmungos f[d]a minha filha como se ela tivesse acordado.</p> <p>10 GBR dic-wikinomia.blogspot.com: partir para a acção sem demora. Costumo dizer que nada é por acaso... passei um tempo em férias sabáticas na Europa. Eu buscava material sobre o futuro</p> <p>11 GBR elise-saladamista.blogspot.com: de aqueles estilo Rodrigo Hilbert! Oooh inveja da Fernanda Lima!! hahaha Passei um tempo no exterior e tive um rolo com um belga que é a</p>	<p>A colocação “passar um tempo” apresenta as mesmas recorrências semânticas descritas para “ficar um tempo”, como é possível observar nos exemplos à esquerda.</p>

“Tive tempo de”	
<p>Corpus NILC: 34 ocorrências;</p> <p>Corpus do Português: 2132 ocorrências;</p>	
<p>Exemplos do NILC:</p> <p>par=9244: Só que não tive tempo .</p> <p>par=9807: «Não tive tempo hábil para estudá-lo», afirmou Sandra .</p> <p>par=10796: «Graças a Deus tive tempo de voltar à calçada .</p> <p>par=21873: Por um acaso não tive tempo de parar para me questionar em relação a drogas .</p> <p>Exemplos do Corpus do Português:</p> <p>4 GBR a-partir-pedra.blogspot.com: me bem. Tive tempo para trabalhar algumas ideias sem pressa das apresentar. Tive tempo para, simplesmente, saborear as sessões de Loja sem a preocupação de procurar</p> <p>6 GBR acidblacknerd.wordpress.com: o Teste de Fidelidade. Por o que minhas fontes me informaram e ainda não tive tempo para averiguar a informação, o casal que teria protagonizado o Teste de Fidelidade</p> <p>7 GBR aespera.com.br: caminho que é Cristo. Breve Ele voltará, que diremos? Não tive tempo, ele não queria ouvir falar de você, era um caso perdido etc.</p> <p>8 GBR ahduvido.com.br: notei que a carteira vizinha também tinha sido entalhada com mensagens. Mas não tive tempo de ler, o faxineiro furioso e aos berros voltara, mas não.</p>	<p>O “ter um tempo”, nos exemplos encontrados, refere-se a um período de tempo - pode ser horas, minutos, dias, em que um indivíduo se dedica, ou deveria se dedicar - a realizar uma ação. Foi interessante notar que há muitas recorrências de “não tive tempo para/de”, revelando que essa expressão é muito utilizada com uma partícula de negação. É senso comum que, quando uma pessoa não realizou uma tarefa no prazo determinado, ela diz “não tive tempo” como desculpa, ou seja, se um indivíduo diz que não teve tempo, ele pode ou não estar dizendo a verdade.</p>

As colocações mostradas no quadro acima foram colhidas levando-se em consideração a tradução literal das palavras da expressão inglesa *I had a great time* e o sentido de *time* referido anteriormente, porém nenhuma delas revelou-se totalmente satisfatória, uma vez que não permitem a inserção de um adjetivo em sua construção para transmitir se a experiência/estada foi positiva ou negativa. Apesar disso, as expressões “fiquei um tempo” e “passei um tempo” são de uso bastante comum e possuem um sentido aproximado ao que o estrangeiro queria transmitir. Logo, ambas são de grande relevância, pois demonstram ser um bom correspondente para a expressão em inglês.

I had a great time pode ser traduzida como “divertir-se”, “curtir”, como nas frases traduzidas anteriormente, “Meus amigos e eu nos divertimos bastante no Chill” e “Eu curti/me diverti muito fotografando para uma grande campanha” e, ao testar esses vocábulos na frase escrita pelo amigo norte-americano “Eu me diverti muito quando fui a Portugal”, percebe-se que é uma boa opção para uso. No entanto, em um texto formal, como é o caso do exemplo citado neste artigo – o estudante estrangeiro deveria escrever um ensaio para sua professora sobre a sua experiência de intercâmbio, a qual havia sido financiada pela universidade –, a palavra “divertir-se” poderia soar inadequada, pois é carregada de uma semântica que revela relaxamento, descompromisso, como mostra o vocábulo presente no dicionário da Unesp: “DIVERTIR: recrear; distrair; entreter [...]” (p. 450), sentido que não combina com o objetivo de demonstrar seriedade e compromisso com o programa de intercâmbio, cujo objetivo é estudar.

A sugestão a que se chega, portanto, é que, em situações formais, o aluno poderia escrever “Tive ótimas experiências quando fui a Portugal” ou “Os meses que passei em Portugal foram excelentes”. Percebe-se que o sentido de estada ou experiência está contido no verbo “ir”, pois quando um indivíduo diz “Fui aos Estados Unidos”, “Fui à Bahia”, está implícito que ele permaneceu algum tempo lá – sejam horas, dias ou anos – e passou por alguma experiência; se ela foi boa ou ruim, cabe ao sujeito revelar através de outras palavras. Assim, pode também ocorrer com as colocações “fiquei/passei um tempo em algum lugar”, que parecem reforçar o sentido de tempo como “estada/experiência”.

5. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida neste artigo sobre a tradução literal da expressão *I had a great time* para “Tive um ótimo tempo quando fui pro [a] Portugal”, recurso utilizado na escrita de um norte-americano, demonstrou o quão complexo pode ser se expressar em uma língua que não é a materna. Ao lançar mão da tradução de uma colocação bastante comum do inglês para o português, apesar de o falante se fazer compreensível, seu enunciado não soou natural.

Este trabalho procurou então refletir sobre a semântica da colocação em inglês e como o estrangeiro poderia expressar tal ideia de maneira mais natural em PB, levando em consideração um contexto formal de uso da língua. Para chegar às suposições, pesquisou-se em dois *corpora* alguns usos da palavra tempo com os verbos ficar, passar e ter, sendo que as colocações com os verbos ficar e passar apresentaram o sentido de “estada/experiência”. No entanto, supõe-se que, dependendo da formalidade da situação comunicativa, essas palavras não sejam as melhores opções; e a inserção de adjetivo nas colocações “fiquei/passei um ótimo/péssimo tempo” revelou-se não provável, visto que também não há naturalidade neste uso.

A reflexão e análise abordadas neste artigo revelou o quão relevante é o aprendizado do vocabulário pelos estudantes estrangeiros de PB, principalmente dessa linguagem formulaica, que abarca as colocações e as expressões idiomáticas, para que o aluno possa se comunicar o mais natural e fluentemente possível, e para que não caia nas armadilhas da tradução literal, que, na maioria das vezes, irá pecar semanticamente.

6. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ricardo B. *E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português l2 para estrangeiros*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. *Colocações e português brasileiro como língua estrangeira*. O artigo é uma versão ampliada de uma palestra ministrada na Universidade de Bolonha, no II Colóquio Internacional sobre Ensino e Aprendizagem de Português, em outubro de 2015.

DIVERTIR. In: BORBA, Francisco S. (Org.). *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

DURRANT, Philip. *High frequency collocations and second language learning*. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Nottingham, outubro de 2008.

FULGÊNCIO, Lúcia. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GAMA, Bárbara Sofia Nadais da. *O léxico em aulas de PLE: um contributo para o ensino de colocações*. Dissertação (Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009.

SAEED, John I. Word Meaning. In: _____. *Semantics*. 3rd ed. UK: Wiley-Blackwell, 2009. p. 53-78.

TEMPO. In: BORBA, Francisco S. (Org.). *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.